



Lucas da Vila de Sant'Anna da Feira - resgate da memória de Feira de Santana

Marcelo Oliveira Lima¹
Silvio Marcos Franco dos Santos²
Igor Rossoni³
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Resumo: O presente trabalho descreve o processo de criação da HQ *Lucas da Vila de Sant'Anna da Feira* roteirizada por Marcelo Lima e Marcos Franco sob auxílio e orientação do professor Igor Rossoni como parte de projeto de Iniciação Científica. Com o objetivo de narrar uma história real, os autores se apoiaram em diversas fontes históricas e relatos orais para recontar a vida de Lucas da Feira através da linguagem quadrinística. Visando ao aprofundamento dos cidadãos feirenses nesta narrativa popular, os autores tinham como objetivo resgatar importante passagem da memória da cidade.

Palavras-chave: quadrinho; Lucas da Feira; Feira de Santana, memória oral, História

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Feira de Santana é a segunda mais populosa do estado da Bahia e a primeira em maior número de habitantes do interior nordestino. É conhecida por ser um entroncamento rodoviário importante – viajantes advindos das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste precisam passar pela cidade para avançar para estados do Nordeste e para a capital da Bahia. Este caráter de entreposto e a proximidade com Salvador impulsionaram a economia da cidade, que hoje conta um importante e diversificado setor de comércio conhecido em toda região, além de serviços, indústrias e a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – uma das instituições mais importantes para o interior da Bahia.

O fortalecimento econômico, no entanto, não esprou seu crescimento para outras áreas como segurança, igualdade social e, principalmente, cultura. Há décadas, Feira de Santana possuía fortes referências culturais representadas, dentre outras coisas, pelo seu folclore – onde se encontrava figuras como a burrinha e apresentação de cordelistas –, pelo Micareta de blocos de rua, as filarmônicas que eram uns dos orgulhos da cidade – e atraíam atenção nacional –, a presença do vaqueiro como representante do Sertão – de quem é a cidade é considerada Princesa⁴ –, o samba da Quixabeira da Matinha, a procissão de Sant'Anna e seu Bando Anunciador, dentre outras manifestações e formas simbólicas. Estas configurações socioexpressivas de cultura entraram em decadência desde os anos 80,

¹ Graduando em Comunicação Social – Jornalismo pela UFBA, bolsista de Iniciação Científica pelo Instituto de Letras da UFBA e quadrinista. marcelocaterpillar@gmail.com

² Graduando em Museologia pela UFRB e quadrinista. marcosfranco@ymail.com

³ Orientador do trabalho. Professor adjunto do Instituto de Letras da UFBA, escritor e ensaísta. xangail@terra.com.br

⁴ “Princesa do Sertão” foi alcunha dada por Ruy Barbosa, quando da inauguração da Escola Normal onde deu a primeira aula.



quando a cidade iniciou sua modernização para se tornar o grande centro urbano que é hoje. O crescimento privilegiou a entrada de capital e pouco foi realizado para manutenção das tradições e história da cidade.

As manifestações acima citadas se encontram da seguinte maneira, hoje: a) as figuras do folclore, antes encontradas com frequência nas feiras populares, não são mais vistas nestes locais. Foi instituída uma Caminhada do Folclore, uma vez ao ano, onde se concentra o que restou dessas expressões populares. Felizmente, a Caminhada conta com grupo fiel de adeptos – pequeno, se considerada a dimensão de 600 mil habitantes – e é um dos movimentos de resistência cultural da cidade; b) os cordelistas tornaram-se quase anônimos na cidade, perdendo muito do prestígio popular que possuíam. O reconhecimento a esses artistas vêm, principalmente, do âmbito acadêmico, através de pesquisas recentes sobre a poética e imaginário populares; c) o tradicional Micareta, maior Carnaval fora de época do Brasil, sofreu o processo de entrada dos grandes blocos de Axé Music fazendo praticamente desaparecer a festa de rua nos bairros, mas tornando-a lucrativa para os artistas do momento e seus empresários; d) o vaqueiro é uma representação simbólica ainda muito cara no imaginário feirense, mas pouco trabalhada em projetos educativos, culturais e artísticos de formação (ou seja, em escolas, visando grande público; e) o samba de roda da cidade tornou-se famoso pela apropriação de artistas como Caetano Veloso e Carlinhos Brown, que regravaram canções como “Quixabeira” e as popularizaram. Os membros da Quixabeira da Matinha mal receberam valores de direitos autorais das gravadoras e tampouco são alvo de um projeto cultural de relevância por parte da prefeitura; f) das filarmônicas somente uma ainda é atuante, as demais acabaram num processo de desintegração lento e visível – os prédios das associações, históricos, foram caindo aos pedaços e substituídos por lojas; g) ainda acontece a procissão de Nossa Senhora de Sant’Anna, que tem destaque em todo o Brasil, e o Bando Anunciador, que faz parte do evento, retornou à ativa há poucos anos.

Esse processo verificado com a volta do Bando Anunciador representa uma tendência de artistas e produtores independentes da cidade em retomar manifestações culturais e a memória oral feirense, com o apoio de instituições voltadas para cultura como o Centro Universitário de Cultura e Arte, a Fundação Cultural do Estado da Bahia e Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira. Dentre essas iniciativas, há esta aqui apresentada: contar por meio de quadrinhos a popular e não-ficcional história de Lucas Evangelista – o Lucas da Feira – escravo que liderou um bando de outros negros durante a primeira metade do século XIX na execução de crimes nos arredores da então Vila de



Sant'Anna. A personagem histórica é bastante lembrada na cidade e protagoniza uma das narrativas mais importantes para a formação histórica e social da cidade. Apesar dessa relevância, não havia projetos de informação sobre Lucas da Feira em qualquer âmbito, o que levou os quadrinhistas Marcelo Lima e Marcos Franco à criação do projeto “Lucas da Feira em Quadrinhos”. O projeto passou por uma seleção do MinC/BNB, através do Edital de Microprojetos Culturais, sendo o primeiro selecionado⁵ da cidade de Feira de Santana para receber apoio financeiro para sua realização em 2010. O projeto previu a criação, distribuição e lançamento da HQ Lucas da Vila de Sant'Anna da Feira, além de iniciativas pedagógicas nas escolas.

A escolha da linguagem dos quadrinhos pra trabalhar com o tema veio, em primeiro lugar, porque os autores são roteiristas de HQs. Reforçou a vontade, o fato de ser cada vez mais freqüente a criação de quadrinhos de não-ficção sobre temas históricos, dos quais podemos destacar *Sertões – a Luta*, *A Balaiada*, *Revolta dos Búzios* e *Chibata!* Essa produção tem se fortalecido com a entrada desse tipo de produção para o Programa Nacional da Biblioteca Escolar, do Governo Federal, que se apoia nos quadrinhos como material didático de grande apelo infanto-juvenil. O PNBE compra tiragens grandes de livros que significam grande lucro para as editoras.

Da nossa parte, procuramos fazer um quadrinho para adolescentes acima dos 14 anos, afinal, a história de Lucas da Feira é calcada em muitos momentos de violência e crueldade que não podem ser omitidos.

2 OBJETIVO

A produção do álbum de HQ *Lucas da Feira de Sant'Anna*, que foi dividido nas seguintes etapas: 1) pesquisa e roteiro; 2) ilustração; 3) produção editorial; 4) impressão e distribuição. Como se trata de uma história real, houve grande preocupação em manter fidelidade histórica na criação do roteiro e das ilustrações, pois o álbum deveria atender não somente ao interesse de leitores de HQs como professores e educadores, justificando o uso em salas de aula e projetos pedagógicos ligados à cultura e história feirenses.

3 JUSTIFICATIVA

Quem foi Lucas da Feira? Até hoje não existem dados precisos que detalhem quem foi o negro que se rebelou contra a sociedade escravocrata em que viveu. Sabe-se que atuou nos arredores da atual cidade de Feira de Santana, nos começos do século XIX, atacando tropeiros que iam ou vinham da Feira

⁵ Para ver lista de aprovados:
http://ascomfunceb.files.wordpress.com/2009/12/lista_total_de_projetos_selecionados-20091218.pdf

do Gado. Alguns dizem que fazia isso para depois repartir com outros negros e pobres, outros afirmam que nunca passou de um psicopata desumano. Longe de responder a essas questões, a obra Lucas da Vila de Sant'Anna da Feira busca dialogar com diversas fontes, oficiais ou não, para mostrar uma história possível da personagem, suas motivações e assim rerepresentar esse mito histórico brasileiro para os leitores do século XXI.

A citação acima é a sinopse do produto apresentado neste *paper* e sinaliza para um dois fatores importantes: há uma multiplicidade de narrativas sobre Lucas da Feira, ao mesmo tempo em que há escassez de pesquisas e documentos oficiais sobre sua existência. A maior parte do saber que circula sobre a personagem é advinda de histórias orais, contadas pelos mais velhos, e que possuem grande alcance na cidade de Feira de Santana. Quando se pergunta “Você sabe quem foi Feira de Santana?” a um cidadão feirense, certamente ele dirá “sim”, mas talvez não saiba dizer mais que “foi um negro criminoso que tinha um bando” ou “era um negro que roubava dos ricos para dar aos pobres”.

A discussão sobre quem foi Lucas da Feira esteve adormecida por algum tempo em Feira de Santana, durante a década de noventa, mas retornou na primeira década do século XXI devido a uma polêmica instaurada na Câmara de Vereadores da cidade. Um dos políticos desta casa, Marialvo Barreto, atendendo a uma demanda surgida na Comunidade da Pedra do Descanso. A comunidade, desejosa de homenagear o escravo, pediu que fosse erguido um busto no bairro onde se situa esta sociedade. Para o grupo Lucas foi um exemplo de negro aguerrido, que conseguiu escapar à escravidão, mesmo que por meios criminosos, e por esta razão deve ser celebrado. A opinião sofreu resistência por grande parte dos vereadores, que argumenta que não se deve erguer monumentos em memória de homens que foram contra a lei, ainda mais com assassinatos e crimes cruéis dentre suas ações. O embate tomou espaço na Câmara e na Internet, em blogs e sites⁶, e também na Universidade Estadual de Feira de Santana que realizou o I Ciclo de Debates – Ensino de História e Memória cujo tema central era Lucas da Feira e as polêmicas citadas.

Os embates ficaram na discussão, de cunho moral, sobre ter sido Lucas da Feira um bandido ou um herói, e o busto foi barrado. Em compensação, ainda longe da proposta da Comunidade Pedra do Descanso, o vereador Marialvo Barreto aprovou o Dia da Religião de Matriz Africana, comemorado no dia que se tem como registro de nascimento de Lucas – 18 de outubro de 1807.

⁶ Alguns links: <http://www.camarafeiradesantana.ba.gov.br/noticias/marialvo-barreto-defende-que-se-erga-busto-em-homenagem-a-lucas-23-10-07/>
<http://www.blogdafeira.com.br/noticia.php?id=9958>
<http://oliveiradimas.blogspot.com/2007/11/feira-pode-viver-sem-o-busto-de-lucas.html>
<http://oliveiradimas.blogspot.com/2007/11/por-que-busto-para-lucas.html>

Os criadores da HQ viram na discussão sobre o busto o momento ideal de produzir uma narrativa que servisse para reflexão para o assunto. A começar, se preocuparam em pesquisar a fundo a personagem e o contexto social histórico em que viveu, de modo que permitisse uma análise complexa de Lucas da Feira que passasse longe de posicionamentos moralizantes e distorcidos. Junto à pesquisa sobre a vida da personagem, buscaram descobrir como sua história se perpetuou ao longo dos anos e sua representação foi construída.

Segundo defende o teórico Welson Luiz Pereira (2010), hoje em dia há uma gama muito grande de fontes históricas que podem ser utilizadas em pesquisa. Ao contrário do que era defendido pela História tradicional, considera-se a memória oral, a ficção e outros documentos não oficiais como dotados de importância histórica. Então, a pesquisa desenvolvida neste trabalho procurou todo tipo de fonte diferente.

Assim, justificou a elaboração deste produto a necessidade de colaborar com o debate sobre um personagem polarizador de narrativas orais e impressas que se relacionam fortemente com a cultura da cidade de Feira de Santana.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O quadrinhista Marcos Franco coletava recortes de jornal, livros e memórias orais desde 1999 sobre Lucas da Feira e tinha diversos rascunhos de cenas para a história que desejava produzir. A parceria, em 2009, com o também roteirista Marcelo Lima logo trouxe à baila esses documentos que estavam guardados e sem expectativa de serem retomados. Esta pesquisa inicial continha, dentre inúmeras outras coisas: data de nascimento e morte de Lucas; representações pictóricas da personagem encontradas em cordéis, pinturas e livros; entrevistas com o pesquisador Joaquim Gouveia da Gama; publicações de ficção, principalmente cordéis, e acadêmicas sobre Lucas da Feira e/ou descreviam a sociedade em que ele havia vivido.

O primeiro passo dado pelos criadores foi atualizar este material pesquisa, aproveitando que os debates sobre Lucas estavam em foco. Foram então realizadas as seguintes entrevistas com pesquisadores e estudiosos: a) o cordelista e professor Franklin Maxado, autoridade reconhecida em História e cordel; b) o pesquisador e historiador Clóvis Ramaiana – um dos organizadores do Seminário realizado na UEFS; c) Augusto Monte, autor de trabalho sobre a representação de Lucas da Feira nos cordéis; d) Jairo Cedraz, arquiteto e estudioso da história de Feira de Santana, que possuía planos já abandonados para produção de uma HQ sobre Lucas da Feira; e) Marialvo Barreto, vereador e professor

universitário, que realizou seu TCC no curso de Geografia analisando os ambientes utilizados por Lucas da Feira como esconderijo; e f) Jhonatas Monteiro, Mestre em História e também quadrinhista. As entrevistas foram gravadas e anotadas em papel, além de serem fotografadas.

Houve consenso, por parte dos pesquisadores, que eram necessárias ações de revalorização de Lucas da Feira, porque o contexto vivido pela personagem pesava mais do que seus atos criminosos. Aliás, é preciso repensar crime neste caso uma vez que o destino do negro no começo século XIX era a escravidão e destituição do direito à humanidade. Não se pode considerar Lucas como um infrator a partir da vivência da Lei e da Democracia vivida contemporânea, pois ele vivia em outra formação discursiva e histórica. Segundo o professor Clóvis Ramaiana, a única maneira de um escravo conseguir sua liberdade simbólica era matando seu senhor, negando sua existência – o que coloca a violência como componente essencial de qualquer reação à escravidão.

Franklin Maxado e Augusto Monte explicaram a interpretação de Lucas como uma espécie de Robin Hood, que é uma construção recente, surgida nos anos 60. À época em que atuou, o negro atacava tanto brancos quanto negros, sendo malvisto e temido de forma geral, principalmente pela população que não pertencia à elite, pois não tinham formas de se proteger – as milícias defendiam prioritariamente os ricos, que podiam contribuir financeiramente para o armamento e pagamento dessas forças. Os colaboradores de Lucas, que lhe auxiliavam trazendo informações e mercadorias da Vila de Sant’Anna da Feira, eram os únicos que recebiam pequenas recompensas em troca. Então, não haveria motivos para ‘heroicização’ da personagem, não fosse a reinterpretação dada pelos cordelistas feirenses durante a ditadura militar. Maxado revelou que havia comprometimento político forte nos cordéis, mas não se podia colocar trechos antirrepressão. A saída foi apelar para alegorias: Lucas virou sinônimo do feirense que era alvo da ditadura e aparecia nos cordéis enfrentando o Bicho da Feira – outra figura cara à memória da cidade – que representava os militares. Assim, houve repopularização da personagem e abriu-se espaço para que se pensasse no contexto social vivido por Lucas e as agruras da escravidão – que antes não acontecia, sendo ele considerado até então como um ‘demônio’.

Ainda dentro do ambiente de pesquisa acadêmica, foi lido, dentre outros, os seguintes livros: a) *Feira de Santana*, de Rollie Poppino – que dá um quadro de como era a paisagem geográfica da cidade, a sociedade e política de então; b) *Lucas Evangelista, O Lucas da Feira/Estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana*, de Zélia Jesus de Lima – documento importantíssimo que faz diversos pontos de encontro de documentos

históricos e relatos, sugerindo uma narrativa possível da personagem e descrevendo com detalhes os membros do bando de Lucas da Feira; e *Lucas da Feira*, do renomado médico Nina Rodrigues, que faz uma análise craniana de Lucas, mostrando que este possuía formato de crânio típico dos grandes líderes. O livro de Poppino foi o mais importante para construção dos cenários presentes na HQ, além da fauna e flora. A partir das descrições do autor sobre a paisagem rural e urbana de Feira de Santana no século XIX foram feitas pesquisas fotográficas para guiar as ilustrações. O trabalho de Zélia Lima foi a maior influência, pois a autora possuía as mesmas intenções que os autores da HQ, ao tentar fazer um balanço histórico da personagem, sem tentar torná-lo herói ou vilão, mas contextualizar o momento em que viveu. Com orientação no trabalho da pesquisadora foi criado o visual das personagens, a escolha e o número de participantes do bando (há relatos em que se fala de quarenta, cinquenta membros, mas foram colocados bem menos, segundo defende a autora) e a inclusão de conluios entre Lucas e fazendeiros da época – o que ajuda também a diminuir a visão de Lucas como um vingador do povo negro.

Há poucos documentos oficiais sobre Lucas, alguns de difícil acesso. O mais importante, ao menos, é encontrado na Internet com facilidade: se trata da transcrição do interrogatório do escravo⁷. Nele há descrição física, relação de alguns de seus crimes e dados sobre sua origem, família, senhor, dentre outras informações. Apesar de oficial, não se pode atestar que esta narrativa seja imparcial e objetiva, visto que foi escrita num tempo em que o racismo estava presente com naturalidade no imaginário do homem branco influencia a escrita do documento, como se pode ver nesse trecho: “Uma vez no goso daquela conquista de liberdade, a índole perversa do bandido entrou, desde logo, em cogitações diabólicas de que resultou a organização da celebre quadrilha de salteadores”.

Em termos de leitura de ficção, foram consultados diversos cordéis, destacando-se o *ABC de Lucas*. Considerado o registro mais importante sobre a personagem, foi o folheto que deu popularidade à versão mais difundida da história. Também foi lido *Demônio Negro*, de Sabino Campos, romance que mostra a violência exercida por Lucas e *O bicho que chegou a Feira*, de Muniz Sodré, que mostra a figura de Lucas da Feira sendo evocada como herói e representando dos negros feirenses.

Por fim, os autores viajaram pelo distrito de Maria Quitéria, visitando, mais especificamente, as comunidades de Venda Nova e Lizibia, para colher relatos orais. Como

⁷ Pode ser acessado aqui: http://www.feiradesantanna.com.br/livro_municipios.htm

muitas das histórias já tinham sido vistas no trabalho de Zélia Lima e em cordéis, serviu, principalmente, para absorver a oralidade presente nas falas da HQ.

Pesquisa concluída, o roteiro foi escrito e passado para o ilustrador contratado, Helcio Rogério. A opção pelo P&B foi pra valorizar a arte do desenhista que tem trabalho focado no uso de sombreamentos. Todo o estágio de ilustração foi acompanhado pelos roteiristas de perto para que as referências visuais fossem fidedignas à época representada. Após o término, passou-se para diagramação do álbum, envio para artistas que pudessem enviar críticas e impressões para publicação na quarta capa, impressão e lançamento.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O álbum *Lucas da Vila de Sant'Anna da Feira* tem 48 páginas, formato 21X28cm. Os papéis utilizados seguiram uma escolha comum no meio editorial – couchê de gramatura mais pesada pra capa e off-set internamente. São 30 páginas com a HQ e demais páginas com elementos paratextuais. Entre esses elementos estão: a) uma seção com glossário e referências históricas, destinado a auxiliar os leitores a entender a linguagem utilizada na HQ; b) bibliografia e sites consultados que servem como validação da pesquisa desenvolvida e também uma sugestão para os leitores que desejem se aprofundar sobre Lucas da Feira; c) estudo das personagens, realizado por Helcio Rogério; d) ilustração de terceira capa de Aduino Silva, desenhista premiado no meio das HQs e e) bio dos autores.

O plano dos autores era desenvolver uma narrativa muito maior, com mais de cem páginas, no entanto, houve um problema de ordem pragmática: o valor recebido pelo edital foi curto, podendo pagar somente trinta páginas de ilustração para o profissional que desenhou o álbum⁸. Com essa limitação, os autores utilizaram o espaço que dispunham para narrar um pequeno conto que contivesse:

1 – informações visuais precisas sobre os espaços urbanos e rurais da cidade: as páginas 12, 17 e 35 são exemplos maiores desta preocupação, pois utilizam o recurso de mostrar a página inteira, em vista panorâmica, para deixar ver os tipos humanos, fauna e flora das estradas e cidades da época narrada;

2 – representação da oralidade: As falas foram trabalhadas com muito cuidado para resgatar o jeito sertanejo de falar e contrastar diferentes sujeitos sociais. O negro e os mercadores, por exemplo, têm fala muito mais informal que o branco. Para construção dos

⁸ Os autores estão finalizando outro roteiro sobre a personagem, já com mais de 90 páginas, e procurarão, futuramente, patrocinadores.

enunciados utilizamos a pesquisa feita no distrito de Maria Quitéria e leitura de documentos antigos e uso de dicionários específicos;

3 – *apresentação de expressões culturais*: Algumas expressões pouco conhecidas pelos feirenses como a burrinha na página 17 e os aboios da página 11 cumprem essa função;

4 – *aspectos socioeconômicos e políticos*: A vocação, hoje consolidada, para o comércio em Feira de Santana teve início com as feiras no Campo do Gado, devidamente representado na cena que vai das páginas 12 a 17 e que representa construções facilmente reconhecidas pelos feirenses, como a Igreja da Matriz. À época, a Vila de Sant’Anna da Feira não era emancipada, pertencendo à atual cidade de Cachoeira, fato mostrado na HQ.

5 – *contexto da escravidão*: das páginas 30 a 32, o *flashback* que mostra o passado de Lucas tem como objetivo justificar sua fuga e constituição de bando como resposta às violências sofridas enquanto criança. Diante dos maus tratos restam poucas opções de liberdade e sobrevivência, tornando-se o confronto uma prerrogativa na vida do escravo que escolhe se rebelar;

6 – *conluio entre o bando de Lucas e a elite*: um dos tópicos mais controversos e evitados é aquele que faz referência à união de Lucas a negócios de homens brancos, como modo de ganhar a vida e proteção. Em Feira de Santana há certa desconfiança por parte da população da riqueza de alguns dos indivíduos ‘ilustres’ da cidade. Em muitas narrativas orais há esse fato, do conluio, embora não se tenha isso em quaisquer documentos. Os pesquisadores se dividem quanto ao assunto, então se decidiu incluir uma passagem rápida na HQ. Assim também distancia Lucas da idéia de herói, aproximando-o a um ser humano em luta pela sobrevivência.

6 CONSIDERAÇÕES

O álbum *Lucas da Vila de Sant’Anna da Feira* teve pré-lançamento no dia 17 de setembro de 2010, no Centro Universitário de Cultura e Arte, durante o evento Aberto 2010. O lançamento oficial foi na semana seguinte, no dia 24. Somados somente os dois eventos, mais de 200 exemplares foram vendidos e a recepção foi satisfatória, lotando o Museu de Arte Contemporânea para o lançamento⁹. Os autores deram entrevistas para rádio, tevê e diversos jornais da Bahia e fora do estado. Escolas convidaram os criadores, onde houve doação de HQs (mais de 300 exemplares foram entregues sem qualquer custo) e foram realizadas palestras. Nacionalmente, o trabalho recebeu dois prêmios de “Melhor

⁹ Fotos do evento: <http://www.vivafeira.com.br/nossagaleria/REVISTALUCASDAFEIRA>



Álbum Independente” nos troféus Ângelo Agostini (promovido pela Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas de São Paulo) e Divisão de Artes Brasileira (promovido pelo Festival HQ de Sergipe). Infelizmente, não houve qualquer tipo de procura ou apoio da prefeitura da cidade ao projeto.

A reação dos moradores de Feira de Santana ao projeto demonstrou que ele atingiu seu objetivo. Muitas pessoas disseram estar “entendendo” pela primeira vez a história de Lucas da Feira, que conheciam de ouvir falar. Durante um fato ocorrido em uma das palestras, os autores compreenderam porque a história de Lucas tem tanta importância na memória da cidade - inclusive para além das apropriações ligadas à identidade negra e ao lado ‘herói’ da personagem. Em uma das escolas, depois de falar um pouco sobre a história, os estudantes apontaram para um dos colegas afirmando que ele era Lucas da Feira. Perguntado o porquê, eles disseram que era porque ele arrumava mercadoria ilegalmente, do Paraguai, pra revender em Feira – uma analogia a Lucas roubando mercadores e repassando mais barato. O mercado informal é uma realidade forte em Feira de Santana, sendo a mola propulsora da economia da cidade, famosa por seu Feiraguai¹⁰. Até mesmo grandes lojas da cidade possuem históricos de roubo de carga, mesma prática de Lucas da Feira em torno das grandes feiras que foram a semente do Centro atual da cidade. Em outras palavras, Lucas da Feira é um arquétipo que simboliza o feirense, vivendo às margens da lei (e muitas vezes contra) para sobreviver. “Enfim, enfim, isso aqui é terra de Lucas”¹¹.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Sabino de - **Demônio Negro** - Bahia - 1957.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **ABC de Lucas**. Disponível em: <http://www2.mshs.univ-poitiers.fr/crla/contenidos/AV/FONDOS/FOLHETOS/Fol022.html>

LIMA, Zélia Jesus de - Dissertação de Mestrado - **Lucas Evangelista: O Lucas da Feira/Estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana** - Bahia - 1990.

MONTE, Augusto - Monografia de pós-graduação - **Memórias da Feira sobre Lucas** - Bahia - 2005.

PEREIRA, W.L. **O uso da história em quadrinhos no ensino de história: “Will EISNER entra ou não entra na sala de aula?”**. In: História, imagem e narrativas. N°10, abril/2010.

POPPINO, Rollie e. - **Feira de Santana** - Bahia - Editora Itapuã, 1968.

RODRIGUES, Nina. **Lucas da Feira**. In: As colectividades Anormaes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

¹⁰ Local onde se vende mercadorias contrabandeadas com valores muito inferiores ao resto do comércio.

¹¹ Dito popular utilizado para se referir à desonestidade dos moradores de Feira de Santana.